



Literatura infantil afro-brasileira e Matemática: explorando as relações étnico-raciais nos anos iniciais

Daniela da Silva Leite Souza¹

Resumo do trabalho: Este trabalho é uma pesquisa de mestrado em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Processos Formativos – Unesp/Ilha Solteira. A problemática da pesquisa está relacionada com a exploração da educação das relações étnico-raciais em aulas de matemática nos anos iniciais do ensino fundamental. Desse modo, tem como objetivo investigar as potencialidades e desafios de práticas de Matemática nos anos iniciais para uma formação crítica de estudantes acerca das relações étnico-raciais e execução da Lei 10.639/2003. O contexto da pesquisa é uma turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola urbana da Rede Pública Municipal do Estado de Mato Grosso do Sul, mais especificamente, em uma turma de quinto ano, na qual a pesquisadora era docente. Valendo-se de uma abordagem de pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação, a produção dos dados se deu a partir de oficinas de matemática, vinculadas a um projeto de extensão, intitulado “*Caminhos para equidade: Educação antirracista como ferramenta para a transformação social*”, ofertadas por estudantes da licenciatura em matemática. Os registros ocorreram por meio de diário de campo, áudios, fotos e produções dos estudantes. A análise dos dados se fará através da análise temática, um método analítico qualitativo, que segue seis fases proposta por Braun e Clarke (2006). Com essa pesquisa, espera-se que surjam compreensões sobre tarefas investigativas que deem suporte para reflexões críticas em aulas de matemática no que diz respeito a educação das relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Educação Matemática Crítica; Lei 10.639/2003; Ensino de Matemática nos Anos Iniciais; Literatura infantil afro-brasileira.

Introdução

Primeiramente, apresento-me: sou uma mulher negra, filha de pai branco e mãe negra, esposa de um homem negro e mãe de uma filha negra. Sou pedagoga desde 2007, formação que me permitiu adentrar o ambiente da sala de aula, pelo qual sou apaixonada. Posteriormente, especializei-me em educação inclusiva e concluí uma segunda licenciatura em Matemática no ano de 2023. Sempre movida por inquietações em relação à melhoria da minha prática docente, decidi cursar o mestrado em Educação Matemática, com o objetivo de melhorar a qualidade de minhas aulas.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, e-mail: daniela.leite@unesp.br



No início as aulas do mestrado ao assistir vídeos de palestras de minha orientadora, a fim de conhecê-la, me deparei com uma perspectiva de inclusão que vai além da inclusão de pessoas com deficiência, se preocupando também com a escolarização de grupos historicamente marginalizados de modo geral. Tal percepção me deu *insights* sobre temas de pesquisas que pudessem contribuir com a minha prática docente.

Minha orientadora ofertava oficinas a respeito de Educação das Relações Étnico-raciais, pois ela é supervisora do Núcleo Afro-Brasileiro e Indígena de Ilha Solteira (NABISA), um grupo da UNESP, voltado para a formação antirracista, cultural e educação, promovendo atividades como o Sarau da (Re) Existência Negra, formação de professores e estudantes, conectando a universidade com a Educação Básica. Assim, fui convidada a participar do grupo, e ao vivenciar essas questões comecei a me questionar sobre minhas práticas em sala de aula, que até então não conhecia a Lei 10.639/03.

Como Pedagoga, ao lecionar os conteúdos de arte, história e linguagens, percebi algumas atividades voltadas ao tema, no entanto essas atividades nunca foram tratadas de maneira aprofundada. Além disso, até aquele momento não estabeleci relações entre trabalhar essas questões com a matemática, me pareceu que isso não era algo relacionado a essa disciplina.

Durante minha formação em Licenciatura Matemática, nunca tive disciplinas que abordassem essa Lei ou que trouxessem alguma perspectiva sobre incluir práticas pedagógicas no ensino de matemática relacionado a Educação das Relações Étnico-raciais. Além da Educação das Relações Étnico-raciais. Ao ingressar no mestrado conheci a perspectiva da Educação Matemática Crítica, a qual, vem ampliando as minhas perspectivas sobre a matemática, que vai além de cálculos. Isso é reforçado por Ole Skovsmose (2017), ao enfatizar que a matemática pode ser usada,

...para ensinar e aprender sobre questões de injustiça social, ajudando os estudantes a desenvolver uma consciência crítica que lhes forneça subsídios para aprofundar os seus conhecimentos (e



compreender) o contexto sociopolítico de suas vidas. (Skovsmose, 2017, p.21)

Visando contribuir com as discussões dentro dessa temática, essa pesquisa buscará explorar a educação das relações étnico-raciais nas aulas de matemática, de modo a contribuir no letramento racial dos estudantes e reduzir as discriminações raciais que acontecem diariamente nas salas de aulas. A Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica, prevê a inserção de discussões no âmbito da Educação das Relações Étnico-raciais em sala de aula que é resultado da luta do movimento negro, tal lei tem os seguintes objetivos: valorizar e ressaltar a presença africana na sociedade; ser um instrumento contra a discriminação e o preconceito racial; informar crianças e adolescentes sobre a importância histórica de pessoas negras; considerar as pessoas negras como protagonistas da própria história e conquista.

Portanto, essa pesquisa tem como objetivo a inserção da Lei 10.639/2003 nas aulas de matemática, utilizando a literatura infantil afro-brasileira como método para desenvolver atividades em que os estudantes possam refletir sobre o racismo e o preconceito existente na sociedade e que aprendam sobre a riqueza da cultura afro-brasileira ao mesmo tempo que aprendem conceitos matemáticos.

De forma mais específica, busca-se investigar as potencialidades e desafios de práticas de Matemática, utilizando a literatura infantil afro-brasileira para uma formação crítica de estudantes acerca das relações étnico-raciais e execução da Lei 10.639/2003.

A pesquisa é de caráter qualitativo do tipo pesquisa-ação, se fez em uma escola Municipal do interior de Mato Grosso do Sul, em que a pesquisadora lecionava no quinto ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Foram desenvolvidas três oficinas que foram elaboradas pelos licenciandos de Matemática da UNESP de Ilha Solteira-SP, em que participavam de um projeto de extensão intitulado como “Educação das Relações Étnico-Raciais: a Lei



10.639/2003 no ensino de Matemática”, ofertado pela orientadora dessa pesquisa e tendo como colaboradora a pesquisadora.

Por meio desta investigação, almeja-se promover o engajamento dos estudantes com as questões relativas à Educação das Relações Étnico-Raciais no contexto das aulas de Matemática, contribuindo para a ressignificação de percepções e compreensões acerca das relações raciais. Espera-se que o trabalho com histórias infantis protagonizadas por personagens negros favoreça processos de identificação e pertencimento, possibilitando que os estudantes se reconheçam como sujeitos capazes de ocupar diferentes espaços sociais.

Fundamentação teórica

A pesquisa baseia-se especificamente no que se refere ao ensino de matemática, a perspectiva teórica a Educação Matemática Crítica, a qual compreende a matemática não apenas como um conjunto de técnicas ou algoritmos, mas como uma prática social profundamente enraizada em contextos históricos, culturais e políticos. Portanto, evidencia a não neutralidade da matemática e seu papel significativo no mundo, tanto para emancipação quanto para opressão e defende um ensino de matemática que dê suporte para a formação do pensamento crítico e para a análise de questões sociais (Skovsmose, 2008).

Também não podemos deixar de citar em caráter transformador da matemática destacado por Gutstein (2006), o qual explora possibilidades para desenvolver nos estudantes um pensamento crítico às desigualdades, bem como de analisar as opressões que geram exclusões. Para o autor, por meio do ensino e aprendizagem de matemática para a justiça social, os estudantes são preparados para compreender, criar consciência crítica e agir de modo a criticar e desafiar estruturas e atos opressivos, o que inspirado em Paulo Freire, ele entende por “ler e escrever o mundo com matemática”.

Contudo, para que o processo de *ler e escrever o mundo* com matemática seja realizado pelos estudantes, é necessário o auxílio do professor. Isso nos leva



a uma abordagem de investigação que dê suporte para o desenvolvimento de preocupações da educação matemática crítica, o que inclui o interesse em desenvolver um ensino de matemática como suporte ao diálogo e ao pensamento crítico.

O diálogo, nessa perspectiva, constitui-se como um elemento fundamental para a superação de formas tradicionais e hierarquizadas de comunicação em sala de aula. Para sustentar práticas dialógicas, destacam-se as atividades investigativas em Matemática, especialmente aquelas que possibilitam a articulação do conhecimento matemático com outros temas socialmente relevantes.

A pesquisa também, ancora-se na ideia de que a articulação entre literatura e matemática possibilita que o diálogo aconteça dentro da sala de aula, podendo ampliar horizontes culturais e promover reflexões sobre diferentes realidades, em particular sobre questões étnico raciais (Sousa, 2019).

Procedimentos Metodológicos

A metodologia escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa tem como base a pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação, baseada em observação não estruturada. A pesquisa-ação, ou pesquisa ativa é o tipo de pesquisa adequado a uma intervenção que vise a mudar uma realidade e modificar o olhar dos participantes sobre questões sociais. (Borba e Araujo, 2006)

O ambiente de pesquisa se fez em uma escola urbana Municipal do interior do Estado de Mato Grosso do Sul, em uma turma do quinto ano dos anos iniciais do ensino fundamental, em que a pesquisadora lecionava como professora polivalente. Havia, vinte e um estudantes, com faixa etária entre dez e quatorze anos. Com relação a raça, podemos dizer que é uma turma majoritariamente negra, pois, em uma das atividades de história desenvolvida, estavam presentes dezoito estudantes, e entre eles, quinze se autodeclararam entre pardo e negro.

O trabalho passou por aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), após, foi lido e explicado aos pais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



(TCLE), na sequência, foi apresentado e lido com os estudantes o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE).

Os dados foram coletados na última semana de junho e a primeira semana de julho de 2025, por meio de diário de campo, gravação de áudio, fotos e as atividades desenvolvidas pelos estudantes.

A pesquisa desenvolveu-se através de observação de oficinas desenvolvidas por licenciandos de matemática, que participavam de um projeto de extensão, intitulado como “*Caminhos para equidade: Educação antirracista como ferramenta para a transformação social*”, desenvolvido pela orientadora dessa pesquisa, em que a pesquisadora estava como colaboradora.

Neste projeto líamos e discutíamos textos relacionados a questões raciais, e em uma das leituras realizadas foi o artigo “*Literatura Infantil e a Temática Étnico-racial nas aulas de matemática*” de Gomes e Faustino (2022), o qual analisa as representações de personagens negros na literatura infantil sugerindo desenvolver atividades matemáticas juntamente com a literatura citando três livros: “*A surpresa de Handa*” (Heileen Browne, 2009), “*Bia na África*” (Ricardo Dreguer, 2016) e “*A cor de Coraline*” (Alexandre Rampazo, 2012).

Para avaliá-los eles precisavam desenvolver as oficinas em sala de aula, então ofereci a minha turma para que pudessem executar as atividades. Eles estavam em seis licenciandos, do qual foram divididos em dois grupos, um grupo escolheu o livro “*A cor de Coraline*” e o outro “*Bia na África*”, eles precisavam desenvolver atividades matemáticas e discutir reflexões sobre educação das relações étnico-raciais.

O primeiro grupo, escolheu o livro “*A cor de Coraline*”, a história inicia com as páginas preto e branco, em que o personagem Pedrinho pede a Coraline um lápis cor de pele. A menina olha para sua caixa de lápis de cor e fica confusa, não sabe qual cor exatamente ele quer, então ela começa imaginar várias possibilidades. Ao final, a página está colorida, a menina Coraline entrega o lápis cor marrom, a cor de sua pele, o menino Pedrinho, ruivo, olha, sorri e agradece. A partir dessa história o grupo desenvolveu exercícios de matemática contendo



fração, razão e proporção, e sobre as questões raciais discussão sobre diversidade e estereótipos.

Após a aprovação, os licenciandos foram para a escola desenvolver as atividades, não iniciaram com a leitura do texto, mas sim, entregaram um desenho dos personagens e pediu que pintassem. Após, foi perguntado “por que” pintaram a pele dos personagens daquela cor. Alguns responderam que era a cor da pele do pai ou da mãe, outros, que era a cor que gostava e outros disseram que pintou com a cor que vinha em sua mente. Na sequência, uma das estudantes fez a leitura do texto, em que puderam perceber que a personagem era negra, ao fim da leitura, foram divididos em grupos para desenvolverem as atividades matemáticas.

O segundo grupo escolheu o livro “*Bia na África*”, o livro apresenta uma personagem negra chamada Bia, em que sua mãe é diplomata e pai arquiteto. Sua mãe precisa ir à África à trabalho por um período de um ano, a menina a acompanha e conhece várias culturas africanas quebrando vários estigmas que ela tinha sobre a África. A partir dessa história, os licenciandos em relação a matemática, trouxe exercícios sobre o sistema monetário, discutindo a distribuição de renda dos continentes e padrões geométricos e sobre as questões raciais, quebraram estigmas sobre a África.

Ao aprovarmos o planejamento da oficina, levei os estudantes para desenvolver as atividades no Laboratório de Ensino de Matemática (LEM) da Unesp, onde os licenciandos já estavam à sua espera. Iniciaram com a palavra África na lousa, e pediram que falassem uma palavra que viesse em suas mentes sobre a África. Disseram várias palavras como: fome, doença, construções grandes, seca, dor, escravidão entre outras palavras. Após, os licenciandos perguntaram se havia mais palavras positivas ou negativas, todos responderam que eram, mais negativas. Para quebrar esse estigma sobre a África, os licenciandos passaram um slide com imagens de países e com três alternativas para falarem que local eles imaginavam ser, e os locais muito bonito eles não remetiam a África, e quando os licenciandos dizia ser um país pertencente a África eles ficaram admirados.



Dando sequência a atividade, os estudantes fizeram a leitura compartilhada de algumas páginas do livro “Bia na África”, em que puderam conhecer através da história várias culturas africanas. Depois, os licenciandos mostraram em uma tabela o valor do salário-mínimo de três países da África e uma outra tabela com valores de videogame, os estudantes precisavam calcular quantos salários uma pessoa recebendo um salário-mínimo naquele país precisava guardar, os estudantes tiveram um pouco de dificuldade, mas com auxílio conseguiram desenvolver e compartilhar como chegaram ao resultado.

Após essa atividade, os estudantes foram divididos em grupos, cada grupo representava um continente, os estudantes foram divididos de acordo com a quantidade populacional, receberam um pacote com balas de acordo com a renda per capita de cada continente. Essas balas precisaram dividir entre si, cada grupo usou uma estratégia, ao fim, os licenciandos perguntaram se a divisão das balas foi justa, a maioria disse que não, pois alguns ficaram com muita bala e outros com pouca, mas, teve um estudante que disse que sim, estava justo. Logo, um dos colegas disse que ele só achava justo porque não era com ele. Neste dia, não foi possível terminar as atividades planejadas pelos licenciandos, então, me ofereci para desenvolver as últimas atividades em minha aula.

A terceira oficina, foi desenvolvida pela pesquisadora na escola, iniciei projetando as páginas 34 e 35 do livro “Bia na África”, onde Bia vai a feira e ouve algumas palavras usadas que ela diz ser parecida com as usadas no Brasil, os batuques tocados pelos músicos ela assemelha ao samba, entrando na roda de dança. Os estudantes puderam perceber a cultura africana se assemelha com a cultura brasileira. Posteriormente, apresentei imagens de tecidos Kente, e perguntei o que eles achavam daqueles tecidos. Alguns disseram ter cores fortes, outros ser simples e humilde, velha e tem desenhos. Após expressarem seus pensamentos, apresentei em slide explicando a cultura, origem e significado das cores dos tecidos Kente.

Os exercícios matemáticos seria os estudantes observarem os tecidos e perceberem os padrões geométricos contidos neles, assim, perguntei qual o padrão



que eles observavam, alguns disseram que tinha sequência das cores e outras disseram sequência das formas geométricas. Ao finalizar a discussão, entreguei uma folha com personagens e disse para desenharem padrões geométricos em suas roupas.

No momento da escrita deste texto, a pesquisa se encontra em processo de análise dos dados, onde está sendo utilizado o método de análise temática, em que segue seis fases proposta por Braun e Clarke (2006, p.86).

- Fase 1: familiarizando-se com seus dados.
- Fase 2: Geração de códigos iniciais.
- Fase 3: Busca por temas.
- Fase 4: Revisão de temas.
- Fase 5: Definindo e nomeando temas.
- Fase 6: Produzindo o relatório.

Na fase um, me familiarizei com os dados, ouvindo os áudios quantas vezes foram necessárias para transcrição, leitura do diário de campo cruzando com a escrita dos áudios, separando as atividades para facilitar as observações e visualização das fotos.

Na fase dois, iniciei a codificação dos dados, identificando ideias, expressões e elementos que se destacavam nas produções dos alunos e que dialogavam com o objetivo da pesquisa.

Na fase seguinte, esses códigos foram organizados e agrupados, possibilitando a identificação de padrões e a construção de temas mais amplos.

Na fase quatro, os temas foram revisados e refinados, buscando verificar se realmente representavam os dados analisados e se estavam coerentes com o referencial teórico da pesquisa.

Por fim, foram elaborados os seguintes temas: “A constituição de espaços dialógicos para a leitura crítica do mundo nas aulas de matemática” e “Ressignificações das relações étnico-raciais na leitura de mundo das crianças”.

Considerações finais



Por meio dessa pesquisa foi possível identificar algumas potencialidades e desafios durante as práticas pedagógicas nas aulas de matemática com questões sobre Educação das Relações Étnico-raciais.

Os resultados preliminares evidenciam que a utilização de literatura infantil afro-brasileira nas aulas de matemática possibilitou aulas dialógicas, favorecendo discussões sobre diversidade, identidade e racismo.

As atividades matemáticas desenvolvidas nas oficinas possibilitaram constituir um espaço para discussão sobre questões sociais, contrariando a ideia de neutralidade atribuída a essa área de conhecimento. Além disso, tem corroborado com que destaca Skovsmose (2017) ao enfatizar que a Educação Matemática pode contribuir para o desenvolvimento da competência crítica dos estudantes, permitindo que compreendam e questionem as estruturas sociais que produzem desigualdades. Nesse sentido, os indícios de ressignificação observados nas falas e produções de alguns estudantes ainda que iniciais, apontam para o potencial das práticas desenvolvidas em promover reflexões sobre identidade, representatividade e preconceito.

Referências

BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAUJO, Jonei Cerqueira. **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: ([Link externo](#)) Acesso em: 3 jan. 2025.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

GOMES, D. DOS S.; FAUSTINO, A. C. Literatura Infantil e a Temática Étnico-Racial nas Aulas de Matemática. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 15, n. 40, p. 1-22, 10 dez. 2022.

GUTSTEIN, Eric. *Lendo e escrevendo o mundo com matemática: rumo a uma pedagogia para a justiça social*. New York: Routledge, 2006.

SKOVSMOSE, O. **Desafios da reflexão em educação matemática crítica**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

SKOVSMOSE, Ole. O que poderia significar a educação matemática crítica para diferentes grupos de estudantes? *Revista Paranaense de Educação Matemática*,



Campo Mourão, v. 6, n. 10, p. 20–40, 2017. Disponível em: ([Link externo](#)). Acesso em: 15 de nov. de 2025.

SKOVSMOSE, Ole. O que poderia significar a educação matemática crítica para diferentes grupos de estudantes? *Revista Paranaense de Educação Matemática*, Campo Mourão, v. 6, n. 10, p. 20–40, 2017. Disponível em: ([Link externo](#)). Acesso em: 15 de nov. de 2025.

SOUSA, Abraão Vitoriano de. Literatura infantil e questões étnico-raciais: por uma literatura afro-brasileira em sala de aula. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, [S.l.], v. 2, ago. 2019. ISSN 2526-3560. Disponível em: ([Link externo](#)) Acesso em: 09 ago. 2025.